

# **Mentiste-me mente!**

Virgílio Pinto



**mas reconheci a realidade.**

**FICHA TÉCNICA**

**EDIÇÃO:** Virgílio Pinto

**TÍTULO:** Mentiste-me mente!

**AUTOR :** Virgílio Pinto

**CAPA:** Sítio do Livro, Lda.

**PAGINAÇÃO:** Nuno Ferreira

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Publidisa

**ISBN:** 978-989-20-2144-7

**DEPÓSITO LEGAL:** 316642/10

© Virgílio Pinto

**PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO**

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa

[www.sitiodolivro.pt](http://www.sitiodolivro.pt)

## **Prefácio**

Os homens não se medem aos palmos, sábio axioma que tempos idos nos legaram. Mas os homens medem-se sempre. Cada um deles, de si para si, e todos os outros relativamente a qualquer um de nós. Um modo de definir (medir?) este autor é dizer que ele pertence à primeira categoria, a dos que se avaliam, se perscrutam; aqueles que, o fazendo, se inquietam, se descobrem, se revelam.

As vivências/experiências de César Ribeiro permitiram-lhe as agruras de que tantas vezes se fazem as narrativas, mas, sobretudo, foram importantes na medida em que ultrapassou as graves sequelas das mesmas.

Importa referir que, não possuindo habilitações próprias para uma análise rigorosa da(s) narrativa(s) do autor, nem me sentindo investido de profundo conhecimento que me auxilie, aponto baterias a um sentir menos formal, menos atento a regras, a convenções, a práticas mais ou menos institucionalizadas.

Dito assim, sobra uma grande consideração por este jovem que conheci há uns meses, no âmbito das minhas funções profissionais, numa escola secundária da cidade de Braga. Logo percebi tratar-se de alguém que, ainda jovem, houvera crescido rapidamente, sofregamente, trilhando caminhos pedregosos, à mercê das intempéries próprias e alheias.

A sua prosa poética está pejada destas neblinas, destes ventos fortes, destas chuvas intensas. Qual general no seu labirinto, patrão do seu destino, o autor debateu-se arduamente com as difusas sensações que se lhe ofereciam, com a descrença, com a ideia de prisão percebida e de liberdade ambicionada, com a constante desordem que se lhe assomava e que apenas o *soma* deste pouco admirável mundo novo concertou. Hoje, o próprio César concerta!

Dos escritos do autor sobrepõem-se vários sujeitos, como o próprio admite. Entre eles estão o que busca o amor de uma mulher, o poeta, o anarquista errante, o que deriva entre Deus e o diabo, entre o bem e o mal.

A notável consciência de si, da doença, da evolução e dos tropeços na mesma, a ousadia, o sonho, a definição de metas a alcançar, a lembrança dos monstros e quimeras de outrora, a fortuna de se encontrar pronto

para amar – todos estes tópicos se encontram na poesia de impulso do autor, todos estes e mais alguns. Como ele tão bem diz:

“Gostava de um dia  
Conseguir cortar todas as metas  
Realizar todos os sonhos  
Gostava de voar ao vento  
Ouvir ao longe os vendavais  
As tempestades passadas  
Não voltarão mais (...)”

Gostava, César, que um dia cortasses todas as metas, ouvisses ao longe os vendavais e percebesses que as tempestades passadas não voltarão mais. Às que vierem, lembra-te, suceder-se-ão bonanças. Vai leve, crente em ti, com a força inquebrantável dos ares que se te derem. Vai César. Avé César.

Miguel Duarte Soares  
Sociólogo



## *Agradecimentos*

Agradeço a todos os que já agradei pessoalmente, ou que pelos menos já senti que deveria agradecer-lhes, mas principalmente vai um enorme beijo para os meus pais e irmãos e para a minha avó, um enorme abraço para os meus tios e primos, bem como um agradecimento especial para a Dr.<sup>a</sup> Aldina, Dr. Jorge, Dr.<sup>a</sup> Isabel, Professora Soni, Professor Miguel Soares, Cathia Chumbo, Nuno Sá e a todos que sem saber me ajudaram, um abraço!

A todos aqueles que me desejam mal ou que simplesmente me ignoram, tenho a agradecer-lhes por me fazerem sentir importante!

A todos aqueles que me fazem mal, dedico-lhes o meu inferno!



**9 Dezembro 2007**

Escrevo pela primeira vez neste caderno  
A caneta é nova  
Sente-se o cheiro a virgindade

É um sonho  
Terminar este caderno  
Como algo extraordinário  
É um sonho  
Fazer deste caderno um sonho

Empenho-me neste princípio  
E espero levá-lo até ao fim  
Um dia de cada vez  
Uma parte de mim

Dias passados  
Horas lamentáveis  
Em que encostado medito  
Para não me sentir aflito

Dá gozo desfolhar estas folhas de papel  
Deleito-me com o prazer da escrita  
Escrevo poemas sem rima  
Alguns vindos de cima  
Outros de dentro  
E os mais vagos e deprimentes  
Surgem de baixo

Pego num dicionário  
Exploro as palavras  
E sincronizo a caneta com o papel  
Dá um som relaxante  
Proveniente do recanto mais íntimo de um ser

Estudo com afinco  
As frases por outros aclamadas  
Findo encontrar nelas  
Poesias camufladas

E de novo medito  
Penso em cada um dos caracteres  
Como símbolos de imaginação  
Da perspicácia de alguém  
E encontro-me terno e ileso  
No meio de uma sopa de letras  
Definidas na oblíqua  
Escritas inversamente

Estou lá no meio  
No seio da confusão  
Ergo a cabeça para tomar ar  
Falta-me a respiração

O cérebro acelera  
Devido à falta de ar  
As alucinações começam  
Sem altura para parar

Sozinho me encontro outra vez  
Empenhado na minha dor  
Masoquista é o escritor

Feliz é o senhor  
Que chama de bom sentimento  
A agonia do dia-a-dia  
Chamada pelo “EU” à razão  
Feliz é aquele que reclama  
A glória de dias angustiantes  
Presos por uma noção de tempo...

... Tempo que outrora achara perdido  
Agora vê-o como o mais bem passado.

**11 Dezembro 2007**

Angustiado  
Para não variar  
Penso muito  
É o mal  
Deveria meditar no importante apenas...  
Pelo menos algumas horas  
Mas não  
Perco-me, disperso, devaneio, deambulo  
E encontro-me aqui  
Mais uma vez  
Neste farol apagado  
Sem dar rumo a ninguém.

Os dias mais bem passados  
São aqueles em que durmo,  
O resto só me faz arrepender

Sozinho  
É como me sinto bem  
Sem tentações, sem confusões  
Apenas tristeza...

A dor que sinto  
Não tem lógica  
É abstracta, surreal,  
Não sei porquê esta dor...

Sinto-me fraco, um monte de trapos,  
Trapos usados para limpar o chão,  
Ou seja, sinto-me uma merda  
Lol...

Um dejecto da sociedade,  
Um desajustado, sem abrigo  
Escondo-me entre lençóis  
Como se estivesse protegido

Infeliz  
Mas dou pulos de contente  
Devaneio, sim  
Dou pulos de contente  
Desato a correr entre toda a gente  
Feito demente  
Desalmado  
Desajustado da sociedade  
Lingrinhas  
Picuinhas  
Lol...

Solitário, pensativo, crente...  
...na minha dor  
Acredito tanto nela  
Que faço dela a minha fê  
Sem ela não sei viver  
Não me sinto o mesmo  
E tento  
Desabafar, mas não consigo falar  
Escrevo

Sem pensar no que isto vai dar  
Escrevo para libertar a alma  
Para ter calma  
Para não stressar  
Escrevo simplesmente  
Com a mão dormente  
Deixo deslizar a caneta  
Não paro  
Não quero parar  
Quero chegar a um consenso  
Quero chegar ao fim  
Quero definir um início  
Não sei se o princípio é bom  
...sei que mau não é...  
Escrevo com amor.

Melhor não pensar no dinheiro  
Vou enchendo o mealheiro  
Com aquilo que tenho  
Vou dizendo ao mundo inteiro  
Aquilo que não tenho  
Demonstro o quanto sou vago  
Mas não acabo de falar de mim  
Sou assim...  
...egocêntrico  
Falo para dentro...falo para mim.